

O papel da “Revista” do IHGRGS e seus autores no processo de institucionalização da História no Rio Grande do Sul

Jefferson Teles Martins¹

The role of the IHGRGS's Journal
and its authors in the process
of institutionalization of the
History in Rio Grande do Sul

66



Resumo

Neste artigo serão analisadas as relações e as hierarquias dos membros do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS), utilizando como objeto desta avaliação a revista do IHGRGS. O foco não será nem o discurso, nem o conteúdo, mas os seus autores. O objetivo é perceber como se organizou um campo institucional através de redes de solidariedades intelectuais que podiam ser mais duradouras ou apenas eventuais dentro de um jogo por posições intelectuais e institucionais, utilizando a revista como suporte material e simbólico e espaço de disputas e alianças.

Palavras-chave: IHGRGS; Revista; Intelectuais

Abstract

The aim of this article is to analyze the relations and hierarchies amongst the members of the Historical and Geographical Institute of the Rio Grande do Sul through the evaluation of its Journal. The focus will be on the authors rather than the discourse or the content. The objective is to see how the institutional field was organized through networks that could be lasting or strategic in the process of fight for positions whether intellectuals or institutional, using the Journal as the material or symbolic basis and place of their disputes and alliances.

Keywords: IHGRGS; journal; intellectuals.

1 Doutor em História pela PUCRS.
E-mail: jeffteles@gmail.com

A revista do IHGRGS e outras publicações e o incremento do ensaísmo científico nas décadas de 1920 e 1930

Ocorreu uma mudança significativa na esfera intelectual rio-grandense nos anos 1920, a saber: a organização de um espaço social dos intelectuais, que se relaciona estreitamente com o aparecimento do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS) e da sua revista e, também, com a especialização de uma seção editorial dentro da Livraria do Globo, além de outras instituições do universo intelectual. Uma consequência dessa mudança foi o prestígio e o incremento adquiridos por um conhecido “gênero” de literatura intelectual: o *ensaísmo* sociológico ou histórico. O *ensaísmo* histórico já fazia parte da tradição intelectual rio-grandense, e remonta ao último quartel do século XIX, quando os jovens estudantes sul-rio-grandenses da faculdade de direito de São Paulo começaram a publicar trabalhos de inspiração “científica”, embalados pelas ideias de August Comte, no contexto da crítica e oposição liberal e republicana ao Império. Mas a partir da década de 1920, e especialmente na década de 1930, pode-se perceber um aumento significativo desse tipo de produção intelectual que tinha como um dos principais veículos de disseminação a revista do IHGRGS.

Segundo Afrânio Coutinho, o sentido original de “ensaio” era “um breve discurso, compacto, um compêndio do pensamento, experiência e observação”. Em suma, uma tentativa de “interpretar a realidade à custa de uma exposição das reações pessoais do artista em face de um ou vários assuntos de sua experiência ou recordações”.² Porém, segundo esse autor, modernamente o uso do termo “ensaio” se desenvolveu em sentido oposto ao original e, especialmente, no Brasil foi empregado para designar “estudos” que oferecessem “conclusões sobre os assuntos, após discussão, análise e avaliação”. Conforme Coutinho (2001):

E nesse grupo se incluem, os chamados ensaios críticos, filosóficos, científicos, políticos, históricos. No Brasil, a prática vem restringindo o uso da palavra *ensaio*, ao segundo tipo, justamente o oposto ao tipo original, fazendo-a sinônimo de “estudo”: crítico, histórico, político, filosófico, etc. Na linguagem brasileira corrente, esses estudos recebem o nome de “ensaios”.³

Portanto, neste trabalho, ao se falar em incremento do “*ensaísmo* científico” está se referindo a esse tipo de estudo cujos autores consideram “uma interpretação, dentro de uma estrutura formal de explanação, discus-

2 COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. v.1. São Paulo: Global Editora, 2001, p. 632.

3 Idem, loc cit.



são e conclusão e usando linguagem austera”.⁴ Ressalta-se o caráter “metódico” do ensaio científico, seja ele histórico, sociológico ou de crítica.

A fim de estabelecer um quadro aproximado que demonstre o aumento desse tipo de produção intelectual⁵, tomar-se-á como base os relatórios da Livraria do Globo entre 1925-1930, e entre 1931-1937. Sabe-se através dos relatórios de produção da Livraria do Globo que sua seção editorial, que era a principal livraria do estado, lançou, entre 1925 e 1930, 34 volumes dentro do “gênero” *ciências humanas, sociais e econômicas*, que correspondia a expressivos 16,7% de toda a produção da Livraria. É significativo que em apenas 5 anos a livraria, que cumpria o papel de “editora” no estado, tenha publicado trinta e quatro volumes de livros classificados dentro dessa categoria. Para parâmetro de comparação, será tomada a *produção total* dos **fundadores** do Instituto Histórico, onde são encontrados 45 *ensaios* publicados (monografias, teses, biografias, estudos históricos, etc.) de 1900 até 1919.⁶ Sendo que deste total de 45 trabalhos, 10 pertencem ao Pe. Carlos Teschauer.⁷ Comparando-se o volume de 45 trabalhos publicados em duas décadas pelos fundadores (em livrarias locais e nacionais) com os 34 livros publicados somente pela Livraria do Globo sob a rubrica *ciências humanas, sociais e econômicas*, em apenas 5 anos, é possível inferir o incremento, se não da produção, pelo menos, do interesse por este tipo de produção na esfera intelectual rio-grandense. No gênero *literatura regional*, neste mesmo período (1925-1930), foram 39 títulos, ou seja, 19,1% do total da Livraria.⁸

Na década de 1930, no âmbito da Livraria do Globo, o interesse pela publicação de títulos do gênero *ciências humanas, sociais e econômicas* mais do que quadruplicou em relação ao quinquênio anterior (foram 146 títulos entre 1931 e 1937), enquanto que os livros de *literatura regional* apenas duplicaram no mesmo período totalizando 78 publicações.⁹ Dado que reforça a ideia de aumento do interesse pelo “gênero” de ensaios.

4 Idem, loc cit.

5 A categoria “ensaios” utilizada aqui tem um sentido lato senso que compreende todos os trabalhos que não possuem natureza literária de ficção, e seguem preceitos metódicos de pesquisa, tais como monografias ou estudos históricos, geográficos, sociológicos, genealógicos, folclóricos, biografias, etc.

6 O quadro de fundadores efetivos incluía 35 membros. Ressalte-se que nem todos os 35 fundadores tinham trabalhos publicados até o momento da criação do IHGRGS em 1920.

7 É conveniente assinalar que a produção precoce e acima da média para os padrões do estado do Pe. Teschauer, assim como o Pe. Hafkemeyer, ambos jesuítas, devia estar relacionada tanto com a tradição de formação jesuítica de pesquisa científica quanto com a emergência de um sistema intelectual do Rio Grande do Sul.

8 TORRESINI, Elizabeth. *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. São Paulo: Edusp, 1999, p. 65.

9 Idem, p. 78.



É certo que esse fenômeno local é reflexo e acompanha um movimento mais amplo que ocorreu no interior da esfera intelectual brasileira¹⁰, de afirmação do *ensaísmo* como gênero intelectual usado na tarefa de interpretar a identidade nacional, ao que a intelectualidade rio-grandense não teria ficado infensa.¹¹ Mas o incremento da prática do *ensaísmo* histórico e sociológico, no caso gaúcho, tem a ver com o papel do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, que iniciou o processo de institucionalização da produção do saber histórico, o que resultou na progressiva diferenciação entre história e literatura que, mais ou menos, até 1920 não eram distinguíveis entre si. A proeminência da revista do IHGRGS nesse processo se vê em números. Se forem considerados somente os trabalhos publicados pela Revista do Instituto, entre 1921 e 1930, ter-se-á 191 ensaios publicados.

A partir de 1921, outra instituição – o Arquivo Público – estreitamente ligada ao mesmo grupo de intelectuais do IHGRGS também produziu uma revista que publicava documentos, estudos e conferências: a *Revista do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul*. Essa revista foi interrompida em 1925, com 18 números, mas reapareceu em 1927, depois da incorporação do Arquivo Público ao Museu do estado Júlio de Castilhos, com o nome de *Revista do Museu e Arquivo Público do Rio Grande do Sul*. Essa publicação estava nas mãos do mesmo grupo responsável pela revista do Instituto. O Arquivo Público era dirigido por Florêncio Abreu, que, nessa época, era também o presidente do IHGRGS, e contava com o auxílio de Eduardo Duarte, nas duas instituições, como redator de ambas as revistas. Depois da saída de Florêncio Abreu da direção do Arquivo Público, Eduardo Duarte se empenhou para a incorporação desta instituição ao Museu Júlio de Castilhos, dirigido por Alcides Maia. Vale a pena assinalar que o IHGRGS funcionava na década de 1920 (e até 1943) nas dependências do Museu.

O aparecimento dessa outra revista aponta para o esforço empreendido por um grupo de agentes intelectuais pela valorização de trabalhos de natureza histórica dentro da esfera intelectual gaúcha no contexto dos *anos 1920*, pois tanto a revista do IHGRGS quanto a revista do Museu e Arquivo Histórico incentivavam e davam visibilidade (restrita aos pares) sobre os estudos históricos.

Em 1932, no contexto da preparação para as comemorações do centenário farroupilha, Othelo Rosa ressaltou esse processo de incremento dos estudos históricos, mas identificou-o como um “gosto novo” pela “análise do passado”:

10 (Ver MICELI, Sérgio. *Intelectuais e Classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel, 1979).

11 Segundo Ewerton Vieira Vargas, o ensaísmo desempenhou “um papel crucial no esforço de compreensão do Brasil e da América Latina”, e que está ligado à construção da identidade das jovens nações americanas (VARGAS, Ewerton Vieira. *O legado do discurso: Brasilidade e hispanidade no pensamento social brasileiro e latino-americano*. Brasília: Funag, 2007, p. 40, 41).



15 Sócio correspondente, fundador do IHGRCS, residente em Santa Maria.

quisar nos arquivos da capital federal, dizendo que Belém fora contaminado pelo “micróbio da historiografia”.¹⁶

Por fim, Othelo Rosa reconhecia Eduardo Duarte – figura dos bastidores da esfera intelectual rio-grandense – como peça-chave no desenvolvimento dos estudos históricos no estado e, também, na direção daquele “elemento imprescindível” nessa área, a *Revista do Instituto*:

Eduardo Duarte, com a sua inteligência e perseverança, com a sua quase devoção pela história rio-grandense, vai vencendo as dificuldades, a frieza do ambiente, a própria despreocupação dos poderes públicos. A “Revista do Instituto” é hoje um elemento imprescindível no estudo da história da terra gaúcha: e a par do esforço – que poucos poderão avaliar com justiça – para manter a circulação da revista, e a riqueza e variedade de sua matéria, escreve ele estudos conscienciosos e interessantes de pesquisa documental proba e paciente.¹⁷



O incremento da publicação de *ensaios históricos* se relaciona com o processo maior que possibilitou ao Instituto se tornar a principal instância de produção e legitimação do saber histórico, no âmbito local, conquistando a sua autonomia em relação à literatura, constituindo uma comunidade disciplinar, e se impondo como saber reconhecido no campo acadêmico e social, capaz de explicar a “realidade histórica”. Assim, ao mesmo tempo em que o IHGRGS consagrava os intelectuais que lhe eram dedicados dentro dos domínios da disciplina, a própria Instituição se autoconsagrava e definia sua identidade corporativa.¹⁸ Como consequência adicional desse trabalho de construção da legitimidade da instituição, o ingresso ao IHGRGS tornou-se objeto da aspiração daqueles que desejavam uma posição reconhecida no meio intelectual local, da mesma forma que as “vagas” no Instituto se tornaram “moeda de troca” por vagas em outras instituições nacionais e internacionais. O uso desse trunfo, no entanto, era limitado àqueles que detinham o domínio interno da instituição.

16 Carta de Aurélio Porto a Souza Docca. Porto Alegre, 16 de fevereiro de 1933. Fundo Souza Docca, Arquivo do IHGRGS.

17 Othelo Rosa, *Correio do Povo*, 27 de agosto de 1932.

18 Muitas vezes já se tentou caracterizar o trabalho intelectual, no início do século XX, como diletante, polígrafo e amador. Mas todas essas caracterizações, além de imprecisas são insuficientes para caracterizar o fenômeno da “profissionalização” intelectual. Quando há referência à “profissionalização” dos historiadores (ou intelectuais de modo geral) nas primeiras décadas século XX, significa dizer que aqueles indivíduos possuíam clara *consciência da sua especialidade* e o reconhecimento público dessa especialidade. É este sentido que atribuo ao termo “profissionalização” dos historiadores do IHGRGS: eles tinham consciência de sua especialidade, ao mesmo tempo em que eram publicamente reconhecidos por sua *expertise*.

Além da publicação de textos especializados, a revista publicava documentos que poderiam servir de subsídios a outros pesquisadores, sem prejuízo para o objetivo, tácito ou explícito, de provar as versões da história defendidas pelos seus redatores. Mas não se deve desprezar a questão de como aqueles historiadores se envolviam ou se interessavam pela discussão pública e a divulgação de suas pesquisas fora do círculo acadêmico. Alguns reclamavam da falta de repercussão ou baixa visibilidade de seus trabalhos. Walter Spalding mencionou em artigo publicado na revista do Instituto, em 1931, que a tentativa de fundar um Instituto Histórico, em 1917 em Porto Alegre, não frutificou pois “não teve apoio por parte dos nossos intelectuais, muito dados, *como ainda hoje sucede*, a futilidades literárias”.²⁰ Sobre a visibilidade pública do Instituto, Walter Spalding lamentava “o pouco caso que se faz de quanto nos diz respeito”.²¹ Chegou a propugnar que o Instituto “deveria pleitear uma página semanal na imprensa, e nela publicar, com notas e comentários, os mais interessantes documentos de que é tão rico o Museu e Arquivo Histórico do Estado”.²² Vê-se, assim, que a publicação em espaços como jornais diários, que tinham maior alcance do que a revista do Instituto, era valorizada e relaciona-se mais diretamente com a divulgação para o público em geral do conhecimento histórico, cumprindo o papel didático de desfazer “erros históricos” e satisfazendo uma importante prerrogativa do trabalho público do intelectual.²³

- 19 Esse conceito de “disseminação” científica é tomado de Wilson da Costa Bueno (1985, citado por KEMPER, 2008), para quem disseminação científica é a divulgação voltada para especialistas, e divulgação científica é voltada para o público em geral (ver KEMPER, Alessandra. A evolução biológica e as revistas de divulgação científica: potencialidades e limitações para uso em sala de aula. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília, 2008, p. 13).
- 20 (*Revista do IHGRGS*, n. 44, p. 164, 1931). O próprio fato de produções intelectuais literárias serem consideradas “futilidades” mostra um juízo de valor intelectual que visava a distanciar a história da literatura, e afirmar o valor superior da primeira sobre a segunda.
- 21 Idem, p. 166.
- 22 Idem, p. 168.
- 23 José Mauro Loureiro (2003) aponta que a prática da divulgação científica “traz em seu bojo a reiteração das práticas científicas, legitimando e reforçando o perfil ideológico da ciência”, e ainda, que a divulgação científica é “instituinte, no âmbito dos signos e do imaginário social, da cientificidade” (LOUREIRO, José Mauro Matheus. Museu de Ciência, divulgação científica e hegemonia. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 32, n. 1, 2003, p. 91).

Os autores e os “bastidores” da Revista do IHGRGS

Come un fúlmine caduto sul sereno, assim chegou até nós a notícia do falecimento, na capital federal, de Emilio Fernandes de Souza Docca, o grande companheiro que há longos vinte e cinco anos tínhamos junto de nós, em pessoa ou em espírito, pois que o Instituto era para ele uma parte do seu eu, para o qual teve sempre o melhor do seu carinho, a devoção da sua inteligência, o veículo da sua produção intelectual, fazendo da coleção da nossa Revista repositório do muito que ele escreveu sobre o passado do amado rincão continentino.²⁴

A revista tornou-se um cartão de visitas de historiadores, como Souza Docca, que à medida que distribuía seus exemplares ou separatas de suas publicações entre intelectuais e instituições do centro do país tornava-se conhecido e reconhecido fora do território sul-rio-grandense, e, também, se tornava um dos porta-vozes legítimos da história produzida no estado. Internamente, a revista era um meio de garantir o poder institucional para os seus redatores mais contumazes, segundo a ideia de que “ao atraírem para si a responsabilidade maior pela produção e participação na revista, os autores também atraíam maior poder dentro da agremiação”.²⁵ Assim, a revista era um meio de exercer o controle sobre o discurso institucional e, também, uma forma de garantir posições de poder dentro da instituição.

Zélia Guareschi Fiorezi (2002) chama a atenção para o fato de que no período de 1921 a 1937, 21 autores foram responsáveis por 213 títulos de um total de 419, ou seja, mais de 50% do total de títulos publicados na revista. Quando se amplia a análise para o período entre 1921 a 1950, a concentração da produção em poucos autores permanece. De um total de 191 autores, apenas 15 (7,8%) foram responsáveis pela produção de 272 títulos, fato que corresponde a expressivos 42% de todos os trabalhos publicados, enquanto 177 autores (92,2%) foram responsáveis por 58% dos trabalhos. Sozinho, esse grupo de 15 pessoas publicou mais do que o conjunto de 165 autores que menos publicaram. Esta concentração é mais visível, quando se leva em conta que do total de autores, 112 tiveram uma única participação na revista.

Destacam-se como principais colaboradores na primeira década (1921-1930) os seguintes autores: Souza Docca (20 títulos), Aurélio Porto (12 títulos), Pe. Hafkemeyer (11 títulos – 2 publicados postumamente), Pe. Carlos Teschauer (9 títulos), Pe. Geraldo Pawels – sócio correspondente que residia em Santa Catarina (7 títulos) e Eduardo Duarte (6 títulos). Neste período, 74 autores diferentes foram publicados pela revista, dos quais 44 tiveram um único artigo.

24 DUARTE, Eduardo. *Revista do IHGRGS*, n. 98, p. 157, 1945.

25 FIOREZI, Zélia Guareschi. *A invenção do Rio Grande do Sul: território e identidade na visão do IHGRGS (1920-1937)*. Passo Fundo: UPF, 2002, p. 95

Na década seguinte, de 1931 a 1940, os principais autores foram: Walter Spalding (28 títulos), Tupi Caldas (11 títulos), Souza Docca, (10 títulos), Aurélio Porto (10 títulos), Leopoldo de Freitas Cruz (10 títulos), Othelo Rosa (10 títulos), João Borges Fortes (9 títulos) e Leonardo Macedônia (8 títulos), Eduardo Duarte, Roque Callage e Fernando Luís Osório (7 títulos cada), Dante de Laytano (6 títulos), Manoel Duarte (5 títulos). Pode-se dizer em relação à primeira década da revista que neste período houve um alargamento da base de colaboradores mais dedicados à redação de trabalhos. Entre 1931 e 1940, 68 diferentes autores participaram da revista, dos quais 18 (26,5%) já eram colaboradores na década anterior, ou seja, 50 novos autores (ou 73,5%) estrearam na revista na década de 1930. Somente 29 autores tiveram uma única participação na revista no período de 1931 a 1940.

No período final analisado, entre 1941 e 1950, a revista do IHGRGS publicou 83 diferentes autores, dos quais 49 (ou 59%) fizeram sua estreia na revista depois de 1941. Os outros 33 (ou 41%) já haviam publicado nas décadas anteriores. Os autores que mais publicaram neste período foram: Manoel Duarte (24 títulos), Othelo Rosa (17 títulos), Walter Spalding (14 títulos), Carlos de Paula Couto (7 títulos), Eduardo Duarte e Olintho Sanmartin (6 títulos cada), Luiz Gonzaga Jaeger (5 títulos).

No primeiro ano de publicação da revista, segundo a avaliação do padre João Batista Hafkemeyer, o Instituto ainda contava com uma fraca mobilização dos seus membros. Hafkemeyer, ao mesmo tempo em que prestava informações sobre o funcionamento do Instituto, alvitava ao recém formado capitão do exército Souza Docca que voltasse do Rio de Janeiro a Porto Alegre: “Parabéns para (sic) o concurso [de capitão]. Para fins do ano voltará? Faz falta aqui, **porque os sócios ativos estão em minoria notável**. A 24 [de maio] tivemos uma sessão. Os presentes cabiam na mesa que conhece”. Como consequência dessa fraca mobilização inicial, a revista prescindia de esforços conjugados dos mais interessados, pois “**a colaboração não é entusiástica – para vários a hora parece difícil**. Mas vamos andando e trabalhando” (grifos meus).²⁶

O mesmo diagnóstico era feito por outros membros fundadores, como José Paulo Ribeiro: “o nosso Instituto está indo, um pouco anêmico, muito pouco movimentado”, dizia ele. E acrescentava que o primeiro número da revista que saía naquele ano se devia ao seu redator responsável: “já saiu o número 1 da Revista: não está mau – parece que se deve à atividade do Hafkemeyer”.²⁷ Estas informações de correspondências privadas enviadas a Souza Docca ajudam a perceber que quando o Instituto foi criado, esta-

26 Carta de J. B. Hafkemeyer a Souza Docca, Porto Alegre, 15 de junho de 1921. Fundo Souza Docca, Arquivo do IHGRGS.

27 Carta de José Paulo Ribeiro a Souza Docca. Porto Alegre, 21 de março de 1921. Fundo Souza Docca, Arquivo do IHGRGS.

va longe de ser uma instituição dominante na esfera intelectual rio-grandense. O próprio presidente do Instituto também instava a Souza Docca que retornasse a Porto Alegre, pois fazia “muitíssima falta”, e, “além disso”, dizia Florêncio Abreu, “a tua presença me animaria e daria alento para levar minha tarefa até o fim. Tenho, porém, esperanças de que breve estejas de regresso. Quando pretendes voltar?”.²⁸ Mesmo não residindo em Porto Alegre por muitos anos, Souza Docca, na qualidade de membro fundador efetivo, permaneceu na comissão de redação da revista durante as décadas de 1920 e 1930.

Após a morte de Hafkemeyer, em 1924, Eduardo Duarte assumiu a direção da revista. Houve uma rica e intensa troca de correspondências entre Eduardo Duarte e Souza Docca ao longo de 25 anos, que mostram grande cooperação entre ambos, mas sobretudo a forte influência deste último nos assuntos relativos à publicação da revista. Esta influência pode ser vista, por exemplo, na consulta que Eduardo Duarte fez para saber se deveria ou não publicar a continuação de um artigo de Jorge Bahlis, sócio efetivo do Instituto, cuja publicação já havia incomodado a outro membro da instituição:

Peço-te que me digas com franqueza – com promessa de uso reservado, qual a tua opinião sobre a colaboração de Jorge Bahlis. Do seu trabalho tenho já o segundo artigo e sei que a um confrade essa colaboração não agradou, achando que a Revista não deve continuar a sua inserção. Repito: assunto reservado.²⁹

A consulta dizia respeito ao ensaio especulativo intitulado *A velhice da Terra – Continente Americano*³⁰, publicado em 1932. Quando veio o veredito expedido por Souza Docca, Eduardo Duarte anuiu dizendo: “ciente do juízo sobre o Bahlis. Está certo. Esse moço merece a nossa consideração, pois é um grande trabalhador. Se não já, será, pelo menos no futuro, um elemento de valor no seio do Instituto”.³¹ E assim, *Civilizações Americanas – Antiguidade da Terra II* foi publicado em 1933.

28 Carta de Florencio Abreu a Souza Docca, Porto Alegre, 09 de outubro de 1921. Fundo Souza Docca, Arquivo do IHGRGS.

29 Carta de Eduardo Duarte a Souza Docca. Porto Alegre, 7 de abril de 1933. Fundo Souza Docca, Arquivo do IHGRGS.

30 Neste artigo, Bahlis defende a existência do “continente Atlante”, a não existência do “dilúvio universal” bíblico, e diz que, em sua opinião, a “raça humana, se bem que muito animalizada, surgiu há 18 milhões de anos”. Além disso, sobre a existência de vida em outros planetas, Bahlis diz: “Quanto ao que se refere aos outros planetas, estamos firmemente convencidos de que todos estão habitados. Não resta dúvida de que os habitantes dos outros mundos têm uma estrutura física diferente da nossa, compatível com as condições próprias de cada um desses mesmos mundos” (*Revista do IHGRGS*, IV trimestre, p. 176-183, 1932).

31 Carta de Eduardo Duarte a Souza Docca. Porto Alegre, 10 de maio de 1933. Fundo Souza Docca, arquivo do IHGRGS.



Em outras ocasiões, Duarte também recorreu ao auxílio do mesmo amigo, como quando teve dúvidas sobre a pertinência da publicação de um texto de Manoel A. Silva Caldeira. Como no caso anterior, assentiu ao parecer de Souza Docca da seguinte forma:

A memória do Caldeira, não sei, acho contradições... parece que o homenzinho andava com o miolo às voltas. **Em todo o caso, como é do teu parecer, que sabes mais, publicá-la-emos.** Penso, no entanto, mandar-te uma cópia, para veres. Copiarei, corrigindo sem alterar a substância, os muitos erros e disparates de que está eivada a dita memória (grifo meu).³²

Duarte incumbiu Docca de fazer certas anotações para livrar alguns trabalhos de “obscurantismos”; como o pedido que segue: “o trabalho de João de Deus acho-o possível de algumas notas da redação, e por isso ai vai, pois só um conhecedor do assunto pode fazê-la. Razão, também, da remessa à corte, para S. M. ver”.³³ Duarte se referia ao artigo que foi publicado no ano seguinte, em 1927, com o título *A Batalha do Passo do Rosário – Barbacena e Alvear*.

O redator chefe da revista também mostrou-se hesitante a respeito da publicação do processo canônico feito por ocasião da morte do padre Roque Gonzales e seus companheiros, sobre cuja publicação questionava: “é muito interessante, o que me demoveu a sua publicação neste número. Foi copiado do original existente no Arquivo General, de Buenos Aires, e é inédito. Fiz bem?”.³⁴ A pergunta de Duarte, que soa quase como um pedido de autorização, faz sentido, porque Souza Docca era crítico aos temas ligados à história das Missões jesuíticas.³⁵ No entanto, na década de 1920, devido à influência dos padres jesuítas Hafkemeyer e Teschauer, esta temática não chegou a sofrer interdição nas páginas da revista.

O auge da influência de Souza Docca sobre a revista foram as décadas de 1920 e 1930, quando Duarte esteve na direção da revista. Neste período, Duarte era, de certo modo, dependente do auxílio do historiador-mili-

32 Carta de Eduardo Duarte a Souza Docca, 1926. O trabalho de Manoel A. Silva Caldeira foi publicado em 1927.

33 Carta de Eduardo Duarte a Souza Docca. Porto Alegre, 16 de outubro de 1926. Fundo Souza Docca, Arquivo do IHGRGS.

34 Carta de Eduardo Duarte a Souza Docca. Porto Alegre, 16 de outubro de 1926. Fundo Souza Docca, Arquivo do IHGRGS.

35 Houve uma disputa duradoura no interior do campo historiográfico rio-grandense no século XX que opunha historiadores “lusitanistas” e “platinistas”. Os primeiros procuraram interditar a inclusão do passado e a memória das Missões na história do estado, pois consideravam esse passado “demasiadamente platino” e estranho ao legado lusitano (ver GUTFREIND, Ieda. *A Historiografia Rio-Grandense*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1998; e ver NEDEL, Leticia. *Paisagens da Província: regionalismo sul-rio-grandense e o Museu Júlio de Castilhos nos anos 1950*. Dissertação de mestrado. UFRJ, 1999).

tar, como se viu nos exemplos acima. Em assuntos da revista, o secretário não receava em solicitar as diretrizes:

Sobre a Revista, este ano: manda-me sugestões quanto a sua feitura. O trabalho a executar, matéria que devemos reeditar, transcrever; alguma coisa tenho, mas não é muita. Estou só, como sempre, salvo quando aqui estavas. Os meus companheiros...³⁶

Reconhecia tanto a importância de Souza Docca nas questões da revista, que chegou a evocar a figura do comando militar para expressar a relação de subordinação em relação ao confrade: “em arte militar não se permite nos dias de hoje (darei asneira?), o comando à distância do campo de operações, mas em assunto de revista parece que se deve permitir. Dá ordens portanto”.³⁷ Com um misto de humor e ironia mal disfarçada de modéstia, Eduardo Duarte lamenta a ausência de Docca, e proclama seu auto sacrifício e doação para a revista: “Ah! Que falta me fazes, bom amigo. Tenho de fazer como a aranha: tira de si os elementos da própria teia. Como me sinto só e mais burro do que nunca... se tivesse uma carroça iria, entre os varais, para a praça”.³⁸

Walter Spalding fez sua estreia na revista do IHGRGS em 1931, escrevendo um artigo-comentário (já citado) sobre o próprio Instituto Histórico. Em pouco tempo tornou-se um dos colaboradores mais assíduos da revista, deixando para trás pioneiros como Souza Docca e Aurélio Porto.

Durante toda a década de 1930, Eduardo Duarte continuou com a secretaria do Instituto e a redação da revista, tendo a colaboração de Souza Docca como um sólido esteio. Mas logo após aposentar-se no Museu do Estado, em 1939, Duarte tentou passar o “bastão” do trabalho na secretaria e na revista para Walter Spalding, na esperança de que este saberia levar o Instituto “mais longe do que eu poderei fazer”.³⁹ Em 1940, Duarte avaliava a atuação de Spalding: “Quanto ao nosso Instituto, está em boas mãos; Spalding substituiu-me com vantagem na secretaria, e tudo irá bem”.⁴⁰ Walter Spalding chegou a substituir Eduardo Duarte na redação da revista, por curto período, quando o velho secretário, esteve alguns meses em Porto Lucena, trabalhando numa “clínica de olhos”. Entretanto, Walter Spalding não permaneceu muito tempo neste encargo. Em 1940, por causa de um atraso no registro da revista, ele chegou a propor a Souza Docca (que con-

36 Carta de Eduardo Duarte a Souza Docca. Porto Alegre, 25 de janeiro de 1935. Fundo Souza Docca, Arquivo do IHGRGS.

37 Carta de Eduardo Duarte a Souza Docca. Porto Alegre, 16 de setembro de 1926. Fundo Souza Docca, Arquivo do IHGRGS.

38 Carta de Eduardo Duarte a Souza Docca. Porto Alegre, 4 de agosto de 1926. Fundo Souza Docca, Arquivo do IHGRGS.

39 Carta de Eduardo Duarte a Souza Docca. Porto Alegre, 6 de janeiro de 1938. Fundo Souza Docca, Arquivo do IHGRGS.

40 Carta de Eduardo Duarte a Souza Docca. Porto Alegre, 12 de janeiro de 1940. Fundo Souza Docca, Arquivo do IHGRGS.



tinuava auxiliando a revista nas demandas burocráticas, embora desde 1938 não tivesse mais publicado), que se interrompesse a publicação da mesma:

[...] como o Instituto precisa fazer economia para conseguir casa, embora lamente a falta da Revista, fico satisfeito, pois pretendo, se for apoiado por todos, fazer o que fazem co-irmãs estrangeiras: em vez de Revista ou Boletim, publicar, durante o ano, uma série de 5 ou 6 estudos ou monografias e, no fim do ano as atas, discursos e nótulas bibliográficas.⁴¹

Contudo, por causa da intervenção do próprio Docca e de outros membros, a revista não precisou ser interrompida. Dante de Laytano foi indicado por Tupi Caldas e pelo Pe. Luís Gonzaga Jaeger para substituir Spalding na redação da revista. Assim, o próprio Spalding resumiu o caso e as razões de não poder ficar como diretor responsável pela revista:

O Dante [de Laytano] se pôs logo em atividade tratando do registro [da revista]. Hoje consegui falar com ele a respeito do que o sr. [Souza Docca] me avisa. O Dante ficou chocado mas eu, logo, cortei tudo explicando: O dr. Duarte (que desde fevereiro está no Alto Uruguai e talvez não volte tão já) não quer mais ter atividade direta na Revista porque vai residir no Esteio logo que volte de fora. Eu, com o trabalho que tenho, só posso prejudicar um ou outro: isto é: meu cargo ou a Revista. Eu estou sobrecarregado.⁴²

Sobre o “clima” de crise no Instituto no início dos anos 1940, que o fez declinar da atividade de “diretor” da revista, Spalding confessa a Souza Docca:

Continuarei com a Secretaria como até hoje, continuarei trabalhando pelo Instituto [...]. Mas nada mais quero ter com a Revista a não ser como colaborador. Ademais, isso de *eu ser cabeça do Instituto* não está de direito. O Instituto não sou eu: *somos nós todos*. Dividamos, portanto, o trabalho. Peço notar que isso não se refere, em absoluto ao dr. Duarte, mas a outros, daqui, que só *querem glórias...* a custa (grifos no original).⁴³

Este período (década de 1940) é marcado por uma crise institucional em que se criaram dissensões internas, além da crise econômica da instituição resultante das dívidas do Instituto criadas para manter a revista. Em 1941, o IHGRGS devia à Livraria Globo 25:270\$000.⁴⁴

41 Carta de Walter Spalding a Souza Docca. Porto Alegre, 19 de abril de 1940. Fundo Souza Docca, Arquivo do IHGRGS.

42 Idem.

43 Carta de Walter Spalding a Souza Docca. Porto Alegre, 19 de abril de 1940. Fundo Souza Docca, Arquivo do IHGRGS.

44 Ata de reuniões do IHGRGS, 19 de agosto de 1941 (*Revista do IHGRGS*, n. 86, p. 397, 1942). Afonso Guerreiro Lima saldou a dívida do Instituto com a Globo, passando o Instituto a ser devedor de Guerreiro Lima.



A produção proeminente de Manuel Duarte nesse período, que lhe valeu críticas, está relacionada com o fato desse historiador ter assumido a presidência do Instituto em 1943, quando Othelo Rosa renunciou. Assim, Manuel Duarte assumiu como sua a tarefa de levar adiante a publicação da revista naquele momento, talvez porque não quisesse que lhe atribuissem um eventual fracasso da mesma durante sua gestão como presidente do IHGRGS. Manuel Duarte escreveu a Walter Spalding, anos mais tarde, em 1952, lamentando o desaparecimento da revista em 1950:

O que, entretanto, mais estranho eu é que, quando fui obrigado a quase que encher a Revista, mal demorava a aparição dela, ou se saia ela com mais de um (o que era forçoso acontecer) artigo meu, havia alarma e reclamações... Contudo, se isto, é prazer, tive eu o prazer de, a poder de sacrifício, não retardar, senão em dias, o aparecimento dela.⁴⁵

A principal razão da descontinuidade da publicação da revista foi a política de economia para a construção de um prédio para o Instituto no terreno doado pelo governo estadual, onde se encontra sua atual sede. A publicação da revista interrompida em 1950 seria retomada somente em 1975, depois de terminada a construção de sua sede definitiva, mas em outro contexto no qual a produção acadêmica universitária já se estabelecia e acabaria por deslocar o IHGRGS do centro da produção histórica no estado.

Como disse certa vez Eduardo Duarte, o IHGRGS, naquela época, vivia “precipuamente pela sua revista”. Ela foi o espaço privilegiado de atuação e visibilidade dos seus membros. Da mesma forma, foi através da revista que parte da hierarquia institucional foi constituída, possibilitando o protagonismo de alguns de seus agentes que estabeleceram laços de solidariedades, mais ou menos, duradouros em torno da sua redação.



45 Carta de Manuel Duarte a Walter Spalding. Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1952. Fundo Walter Spalding, Arquivo do IHGRGS.